

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER**

TIAGO DE OLIVEIRA SILVA

**HUGUENOTES NA FRANÇA ANTÁRTICA: A PRIMEIRA TENTATIVA DE  
INTRODUÇÃO DA FÉ REFORMADA NO BRASIL**

**SÃO PAULO**

**2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

TIAGO DE OLIVEIRA SILVA

**HUGUENOTES NA FRANÇA ANTÁRTICA: A PRIMEIRA TENTATIVA DE  
INTRODUÇÃO DA FÉ REFORMADA NO BRASIL**

Trabalho de conclusão (artigo acadêmico) apresentado ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Magister Divinitatis (M.Div.), na área de Estudos Histórico-Teológicos.

Orientador: Prof. Ms. Marcene Bezerra Carvalho.

SÃO PAULO

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586h	<p>Silva, Tiago De Oliveira. Huguenotes na França Antártica: A primeira tentativa de introdução da fé reformada no Brasil : [recurso eletrônico] / Tiago de Oliveira Silva. 79 KB ;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ms. Marcone Bezerra Carvalho Carvalho. Referências Bibliográficas: f. 37-38.</p> <p>1. Villegagnon. 2. João Calvino. 3. Huguenotes. 4. França Antártica. 5. Guanabara. I. Carvalho, Ms. Marcone Bezerra Carvalho, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

TIAGO DE OLIVEIRA SILVA

HUGUENOTES NA FRANÇA ANTÁRTICA: A PRIMEIRA TENTATIVA DE  
INTRODUÇÃO DA FÉ REFORMADA NO BRASIL

Trabalho de conclusão (artigo acadêmico) apresentado ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Magister Divinitatis (M.Div.), na área de Estudos Histórico-Teológicos.

Orientador: Prof. Ms. Marcone Bezerra Carvalho.

Aprovação 29/11/2022

Orientador: Prof. Ms. Marcone Bezerra Carvalho

Autor: **Tiago de Oliveira Silva**

Programa: M.Div. Estudos históricos teológicos do Centro de pós-graduação Andrew Jumper

Título do Trabalho: Huguenotes na França Antártica: A primeira tentativa de introdução da fé reformada no Brasil

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

**Resumo**

O presente artigo pretende fazer uma revisão histórica da experiência de tentativa de colonização do Brasil por parte da França, empreendimento que ficou conhecido como França Antártica. Para isso, serão analisados os motivos que levaram o líder da colônia, o vice-almirante da Bretanha e cavaleiro da Ordem de Malta Nicolas Durand de Villegagnon a tomar tal iniciativa, bem como o envolvimento de João Calvino ao recomendar missionários calvinistas para colaborarem com a colônia e poderem expressar livremente a fé reformada livre das intensas perseguições impostas aos mesmos na Europa. Na colônia, deu-se o conflito religioso em torno da primeira celebração da Santa Ceia no Brasil segundo o rito reformado, que culminou com a morte de três huguenotes que haviam sido enviados por Calvino. Eles selaram com sangue a confissão de fé que custou suas vidas, e que fora exigida por Villegagnon, o que contribuiu mais tarde para o fim da colônia diante da ação lusitana, sendo este um episódio importante para entender o fracasso da primeira experiência protestante em terras americanas.

**Palavras-chave:** Villegagnon; João Calvino; Huguenotes; França Antártica; Guanabara; Revisão histórica.

**Abstract**

This article intends to make a historical review of the experience of colonization attempted by France in Brazil, an undertaking that became known as Antarctic France. For this purpose, the reasons will be analyzed that led the leader of the colony, the vice-admiral of Brittany and knight of the Order of Malta Nicolas Durand de Villegagnon, to take such initiative, as well as the involvement of John Calvin in recommending Calvinist missionaries to collaborate with the colony and be able to freely express their Reformed faith, free from the persecutions imposed on them in Europe. In the colony, a religious conflict occurred around the first celebration of the Holy Supper in Brazil according to the Reformed rite, which culminated in the death of three Huguenots who had been sent by Calvin. They sealed with their blood the confession of faith that cost their lives, required by Villegagnon, that subsequently contributed to the end of the colony in the face of the Portuguese reaction, this being an important episode for understanding the failure of the first Protestant experience in American lands.

**Keywords:** Villegagnon; John Calvin; Huguenots; Antarctic France; Guanabara; Historical Review.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar os fatos históricos da primeira tentativa de introduzir a fé reformada em terras brasileiras, na época, América portuguesa, a partir do empreendimento organizado pelo vice-almirante da Bretanha e cavaleiro da Ordem de Malta Nicolas Durand de Villegagnon. É dado destaque ao zelo missionário de Calvino, que enviou dois pastores e outros homens bem treinados na fé cristã reformada com o objetivo de espalhar as boas novas do evangelho no Brasil, tanto entre os colonizadores franceses, quanto entre os nativos aqui residentes.

França Antártica foi o nome dado a este empreendimento de tentativa de colonização do Brasil, conforme registrado na obra de André Thévet durante a expedição que fez ao país em meados do século XVI.

Depois de permanecermos ali pelo espaço de dois meses, durante os quais procedemos ao exame de todas as ilhas e sítios da terra firme, batizou-se toda aquela região circunvizinha, que fora por nós descoberta, de França Antártica (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 99).

Entretanto, o dito empreendimento não prosperou. As causas são levantadas por diversos autores que têm se desdobrado em analisar os fatos à luz de documentos históricos, como obras de fontes primárias e correspondências trocadas entre os que aqui estiveram séculos atrás. O conflito social, religioso e político fruto da Reforma Protestante teve reflexos em solo brasileiro e contribuiu para o fim da colônia francesa na Baía da Guanabara, resultando no trágico martírio de três calvinistas, também chamados de huguenotes.

Diante desse empreendimento algumas questões se levantam, tais como:

- 1) Quais foram as verdadeiras intenções de Villegagnon na tentativa de colonização do Brasil, como representante da França?
- 2) Que motivos levaram o cavaleiro de Malta a contatar os calvinistas para ajudá-lo nesse empreendimento?
- 3) Qual foi a intenção e o envolvimento de Calvino no envio desses ministros e huguenotes franceses no que diz respeito ao seu papel missionário?
- 4) Por que a colônia não prosperou? Seria porventura consequência da tragédia imposta aos calvinistas da parte de Villegagnon? Ou seria talvez decorrente das reações calvinistas por meio dos ministros pós-tragédia, com seus escritos que corroboraram para o fim da colônia? Alguns autores divergem entre si, apontando causas e caminhos diversos.



Mas, outra questão ainda emerge: existiram frutos desse empreendimento envolvendo França e Brasil como projeto missionário pioneiro sob a ótica da então recente fé reformista?

A despeito desse trágico fim, “o envio de seus ministros foi um passo importante para firmar a presença da Reforma no Novo Mundo” (MEIRA; FERRETTI JR.; WESTPHAL, 2018, p. 54).

Teólogos como Robert Bellarmine, Hunter, Warneck e outros que seguem na mesma direção, têm atribuído aos reformadores uma ausência de compromisso missionário. Nesse sentido, Calvino é alvo de alguns desses críticos, os quais atribuem a ele negligência quanto à Grande Comissão dada pelo Senhor aos seus discípulos. Todavia, nem as obras produzidas pelo reformador, nem a história dão testemunho semelhante, como se verá no dito empreendimento denominado França Antártica.

Para melhor compreensão dos eventos ocorridos aqui é imprescindível analisar, ainda que ligeiramente, os fatos que ocorreram na Europa e levaram ao grande evento que ficou conhecido como Reforma Protestante.

## **1. A Reforma Protestante**

O cenário europeu do século XVI foi singular em toda a história. A efervescência no âmbito cultural, intelectual, científico e, sobretudo, religioso mudou o ambiente em toda a Europa, inclusive no que diz respeito às relações interpessoais. O mundo conhecido de então ficou polarizado entre católicos e protestantes, apresentando seus reflexos também em terras brasileiras.

Dentre tais acontecimentos que marcaram o século em questão, sem dúvida o de maior importância foi a Reforma Protestante, tida como um dos maiores movimentos religiosos de todos os tempos (NICHOLS, 2000, p. 165). Por isso é necessário entender como tais mudanças impulsionaram os homens a atravessar o Atlântico com o objetivo de montar uma colônia francesa em terras brasileiras, seja para poder exercer a liberdade religiosa sob a nova ótica do protestantismo emergente, seja para buscar novas fontes de enriquecimento pessoal sob o pretexto de expansão territorial para a França.

Do ponto de vista social, político e religioso, conforme explica González,

No começo do século 16 – e bem depois de seu fim – a Alemanha era uma colcha de retalhos de estados praticamente soberanos. Embora o Santo Imperador Romano devesse reinar sobre eles, de fato seus poderes eram grandemente limitados pelos interesses geralmente conflitantes de nobres poderosos. [...] no começo do século 16 a Europa Ocidental não mais se considerava como único império, onde havia um

único imperador empunhando a espada temporal, com um equivalente religioso em Roma, sustentando a espada espiritual (2015, v. 3, p. 15).

Este movimento de independência conflitava não apenas com o poder hegemônico dos monarcas, mas também com o papa, contribuindo para a fragmentação religiosa.

Quanto à questão econômica nesse período, fato este importante, levantado por González, como precursor do movimento da Reforma, destaca-se o desenvolvimento do comércio diante do crescimento das cidades, bem como do surgimento de uma nova classe social, cujo domínio por parte do clero e do sistema feudal predominante na Idade Média estava obsoleto.

A introdução de metais advindos do Novo Mundo aumentou a inflação, e acentuou o empobrecimento dos camponeses, promovendo um campo fértil para revolução, diante da perda de seu prestígio e poder, acendendo as chamas para um cenário de reforma (GONZÁLEZ, 2015, v. 3, p. 16).

No campo dos movimentos sociais que funcionaram como propulsores para o movimento reformista, pode-se destacar ainda o movimento renascentista que compreendeu os séculos XIV, XV e XVI.

As descobertas geográficas por meio do incentivo às grandes navegações e o avanço na área da ciência, medicina e astronomia foram características marcantes dessa época, sendo o movimento mais influente e digno de destaque deste período o movimento humanista (GONZÁLEZ, 2015, p. 20).

Latourette afirma que o movimento humanista do período renascentista foi responsável por conduzir a Europa ocidental da Idade Média a um novo estágio da cultura (LAUTORETTE, 2006, p. 934).

Uma característica marcante deste período é destacada por Costa como sendo um movimento com profundo senso de independência, livre de influências externas e responsável por seus atos, sobre o qual ele acertadamente afirma: “O Humanismo Renascentista crê que a autonomia da maioria finalmente chegara; terminaram-se as tutelas, quer da igreja, quer da tradição, quer da Escolástica” (2004, p. 45), influenciando aqueles que se tornaram os grandes nomes da Reforma como Lutero, Calvino e Zuínglio, tamanho foi o seu impacto no contexto social, cultural e intelectual deste período (GEORGE, 1993, p. 50).

Tudo isso se deve às ideias advindas do movimento humanista que preparou o caminho para a Reforma, fazendo frente às várias práticas contrárias às Escrituras Sagradas incorporadas pela Igreja Católica, bem como outros fatores relacionados aos valores morais nos quais os clérigos estavam envolvidos, influenciando igualmente reis e seus impérios, de modo a impulsionar o incentivo à arte, à cultura e às grandes navegações, como acertadamente afirma Tavares a respeito do rei da França: “Como monarca profundamente imbuído das ideias renascentistas que era, Francisco I deu grande impulso ao desenvolvimento da navegação no reino dos francos” (TAVARES, 2011a, p. 26).

Lembrando que “é no contexto dessa política de expansão que devemos entender a empresa da França Antártica por parte de Paris” (TAVARES, 2011a, p. 29).

Tendo em vista a objetividade deste artigo, não deixando de considerar que o protestantismo teve grande repercussão por toda a Europa, por meio de homens levantados por Deus para dirigir e conduzir o povo ao retorno às Escrituras Sagradas, bem como aos valores e padrões morais bíblicos e a uma vida de conformidade com a sua vontade, será observado mais comedido o impacto dessa reforma na França, uma vez que o aumento desses calvinistas franceses, também conhecidos como huguenotes, culminou no envio de alguns deles ao Brasil.

## **2. As consequências da Reforma na França**

Latourette afirma que “na França o protestantismo teve uma história tempestuosa” (LAUTORETTE, 2006, p. 1036). No início do século XVI algumas ideias reformadas começaram a circular no país por meio de humanistas franceses. No entanto, assim que os escritos de Lutero começaram a difundir-se, intensificou-se ali a perseguição religiosa.

Latourette coloca como influência humanista na França homens como Jacques Le Fèvre e Guillaume Briçonnet, este último sendo aquele que conduziu espiritualmente Margarete, irmã do rei Francisco I, e foi de extrema importância para a expansão da Reforma no país, uma vez que era muito religiosa e ficara impressionada pelos escritos de Lutero e Calvino (2006, p. 1037).

Pierre Courthial coloca ainda como influência num período pré-calvinista na França as ideias de Lutero e também de Guilherme Farel, o qual estabelece uma pequena igreja evangélica em Paris, bem como a influência de Zuínglio. Tais homens prepararam a França para receber a reforma protestante, que mais tarde ficou sobre a influência do reformador João Calvino (1990, p. 87).

Ainda que houvesse um progresso da influência da Reforma em terras gálicas, o protestantismo era representado pela minoria, isso porque havia certa instabilidade diante das mudanças nas questões políticas, envolvendo o rei Francisco I, que pendia ora favorecendo e tolerando os protestantes calvinistas, ora os perseguindo e os matando.

Cabe aqui, para melhor compreensão da perseguição aos calvinistas franceses, uma análise da situação política no país deste período, no que diz respeito aos seus nobres e governantes, os quais diante de tamanha instabilidade desse cenário político e religioso fizeram com que alguns homens, católicos e protestantes, se aventurassem além-mar, rumo ao Brasil (LATOURETTE, 2006, p. 1038).

Percebe-se nas palavras de um cancionero huguenote a intensidade dos horrores advindos como produto desse tempo no contexto de perseguição religiosa:

Nossas câmaras, nossos leitos vazios,  
Nossos campos, nossos bosques, nossos rios,  
Envergonhados de tanto sangue inocente,  
Guardam em silêncio e, em silêncio eloquente,  
Pedem vingança, vingança, vingança... (GONZÁLEZ, 1995, v. 6, p. 169).

Francisco I no ano de 1538 moveu uma forte e incessante campanha contra o ensino reformado (NICHOLS, 2000, p. 178), porém, no ano de 1547, faleceu deixando o reino nas mãos de Henrique II, seu sucessor, que foi incisivo na tentativa de extirpar a Reforma na França (GONZÁLEZ, 1995, v. 6, p. 170).

Ainda assim a Reforma Protestante se desenvolvia, tanto que em 1555 organizou-se a primeira Igreja reformada segundo os padrões de Calvino, e no ano de 1559 organizou-se o primeiro sínodo nacional (GONZÁLEZ, 1995, v. 6, p. 170).

Latourette vai dizer que os escritos de Calvino se tornaram atraentes aos franceses, e que em 1559, durante o sínodo nacional em Paris, aprovou-se uma confissão de fé baseada em seus escritos a partir de um esboço de trinta e cinco artigos. Adotou-se também uma organização eclesiástica que se espalhou depois, dando forma às igrejas reformadas na Holanda, Escócia e América. Os protestantes franceses ficaram conhecidos como huguenotes, tendo forte atuação nas cidades, entre artesãos, comerciantes e fazendeiros, mas também adeptos que faziam parte da aristocracia francesa, como o almirante francês Gaspar de Coligny, o rei de Navarra e seu irmão, o príncipe de Condé (2006, p. 1038). Coligny foi fundamental como intermediário da expedição huguenote ao Brasil.

Quanto à influência do protestantismo na França, afirma Nichols: “Em 1559 foi organizada uma Igreja protestante nacional. Seu sistema de governo foi copiado no ano

seguinte pelos reformadores escoceses e generalizou-se por todas as igrejas presbiterianas” (2000, p. 178).

A despeito da perseguição religiosa, o movimento reformado na França crescia, e ganhava cada vez mais adeptos. Monges e sacerdotes convertiam-se. Escolas reformadas eram criadas na França, graças ao trabalho do reformador João Calvino no envio de missionários, que atravessavam o país pregando o evangelho e espalhando os ideais reformados.

Foi então que, sob o governo de Henrique II, aconteceu a história da presença dos huguenotes no Brasil, e diante desse quadro de instabilidade é que os missionários franceses, treinados em Genebra por Calvino, fugindo das perseguições e ameaças por parte do governo, encontram terreno propício para proclamar a religião reformada no Novo Mundo.

Entretanto, faz-se necessário esclarecer que a iniciativa do empreendimento em uma das ilhas da Baía de Guanabara partiu de Villegagnon, sob os auspícios do rei Henrique II e com grande apoio dos armadores e comerciantes da Bretanha e da Normandia, principais investidores franceses na navegação do Atlântico. Nessa confluência de interesses objetivados por esses dois grupos, de um lado a coroa francesa e os comerciantes bretões e normandos, que encontrariam nesse empreendimento grande fonte de lucro a partir dos produtos extraídos do Brasil e exportados para França, comercializando-os em toda Europa. Pouco mais tarde um terceiro grupo se envolve, o dos huguenotes, seguidores da religião reformada, que vinha ganhando inúmeros adeptos na França, onde também passaram a sofrer intensa perseguição religiosa por parte do grupo católico, conforme explica Tavares (2011a, p. 20).

Outro fato interessante para o entendimento do conflito e seus resultados no Brasil diz respeito à Faculdade da Sorbonne, que se levanta como uma barreira ao desenvolvimento do protestantismo na França, funcionando dentro da Universidade de Paris. Em seu seio se reafirmam as doutrinas católicas em oposição as *Institutas* de Calvino. Foi nela que também apareceu uma lista de livros proibidos, entre eles escritos de Lutero, Calvino e Melancton (LAUTORETTE, 2006, p. 1037). A oposição da Sorbonne é importante no presente trabalho, pois, como veremos adiante, ela tem forte influência na formação do pensamento de Jean Cointa, este que, juntamente com Villegagnon, levanta a controvérsia doutrinária a respeito da Ceia contra os huguenotes protestantes (CRESPIN, 2007, p. 34).

Muitos huguenotes tornaram-se mártires, isto porque eram encontrados carregando Bíblias em francês e cópias das *Institutas*, sendo então queimados em estacas simplesmente por servirem a Cristo. Pierre Courthial ressalta que as chamas das estacas subiram bem alto,

mas a chama da fé reformada subiu ainda mais alto, e que as correntes do Evangelho, das puras fontes de pregação de Genebra, escorreram vagarosamente e irrigaram a terra da França (1990, p. 91).

[...] a Fé Reformada, semeada inicialmente pelo testemunho e martírio de muitos, espalhou-se e, então, transbordou dos corações de multidão de crentes. Ela se manifestou em cada área da existência humana - na teologia e na filosofia, nas ciências e nas artes, na cidade e no campo, na vida familiar e profissional e até mesmo na política (Citado em REID, 1990, p. 91).

Assim, é possível vislumbrar a dimensão e a amplitude que teve o movimento reformado na França, a partir do reformador João Calvino. Até 1555, Courthial afirma que Calvino não cessava de orar por seus compatriotas, rogando a Deus que sua pátria pudesse render-se ao Senhor e sua Palavra, e igrejas verdadeiras pudessem ser estabelecidas ali (1990, p. 88).

Calvino consolava seus compatriotas perseguidos por meio de cartas, que foi um meio de grande influência do reformador, como se pode perceber aqui:

As perseguições são as verdadeiras batalhas dos cristãos, para testar a constância e a firmeza de sua fé[...] Considerai em alta estima o sangue dos mártires derramados para testemunho da verdade, e dedicado e consagrado para a glória de nosso Deus...aplicai isto para vossa edificação, para que isto vos incite a segui-lo (*Aos mesmos*, em novembro de 1559) (CALVINO apud REID, 1990, p. 96).

### **3. Os conflitos religiosos na França**

Franklin Ferreira afirma que em Meaux o sangue dos primeiros mártires foi derramado devido aos conflitos religiosos, local para onde se dirigiram os adeptos das ideias protestantes, em decorrência das perseguições que os professores da Sorbonne lhes dirigiam. Nesse tempo, por volta da década de 1520, os escritos de Lutero já estavam chegando à França, mas os escritos que mais cativariam as mentes e os corações viriam – nos anos seguintes – de Estrasburgo e de Genebra, cidade onde João Calvino se estabeleceu, publicando sua obra principal em 1536, devido à intensificação da perseguição religiosa na França, dedicando-a ao monarca Francisco I, com o objetivo de defender os cristãos adeptos da fé reformada (FERREIRA, 2012, p. 118).

Tavares concorda com Ferreira quando afirma que o principal objetivo das Institutas de Calvino era expor aos franceses em geral, e especialmente ao monarca Francisco I, o que seria de fato o ideário reformado francês, para contrapor-se às calúnias que supostamente vinham sendo ditas a esse respeito (2011a, p. 35).

Para dimensionar como os conflitos se desdobraram no reino da França, e também repercutiriam no Brasil, faz-se necessário considerar que as famílias que compunham a aristocracia francesa, e que tinham acesso e influência na corte, contribuíram poderosamente para a intensificação dos mesmos.

Entender a França Antártica exige a compreensão dessa complexidade, uma vez que a colônia francesa além-mar, ainda que a um oceano de distância das dissensões que envolviam a terra natal, encontrava-se completamente ligada a elas, e mais que isso, essas mesmas continuavam tão vivas na Guanabara quanto em Paris (TAVARES, 2011a, p. 32).

Muitos seguidores do evangelho reformado na França eram nobres e influentes, o que acirrava as disputas religiosas na corte, estando em pauta nas reuniões de conselho do rei (TAVARES, 2011a, p. 34).

A oposição se dava principalmente entre duas famílias, de definições teológicas antagônicas, os Guise (católicos) e os Montmorency (protestantes). Além disso, uma terceira família equilibrava essa disputa, os Bourbon, e uma quarta família, os Valois, que se encontravam mais próximas da casa reinante. Em suma, a luta girava em torno de poder, divergências teológicas, proximidade e influência real, com intenção de mobilizar as decisões reais em favor dos seus próprios interesses.

Os Montmorency eram liderados por Anne de Montmorency, condestável<sup>1</sup> de França, que dirigia todas as forças militares do reino, com enorme poder e influência na corte real, e que contava com a predileção de Henrique II. Tanto era a estima real que o rei casou sua filha natural Diana de França, fruto do seu relacionamento com sua principal amante, Diana de Poitiers, com um filho de Anne chamado François de Montmorency (TAVARES, 2011b, p. 78).

Ao lado dos Montmorency estavam os sobrinhos do condestável por parte de mãe, os Châtillon. Entre esses há um que recebe grande destaque como peça fundamental para o envio dos huguenotes ao Brasil, bem como de obtenção de recursos cedidos a Villegagnon para implantação da colônia. Trata-se da figura de Gaspar de Coligny, que ocupava o cargo de Almirante de França sob o reinado de Henrique II. Devido à sua influência e incentivo ao projeto de colonização, Villegagnon dá seu nome ao forte construído na ilha de Serigipe, na Guanabara. Tavares destaca que, quando se deu o início das guerras de religião em 1560 na

---

<sup>1</sup> Posto militar de maior graduação no exército de Portugal, abaixo apenas da suprema chefia do rei.

França, os Châtillon se tornaram uma das mais importantes lideranças do partido protestante (2011b, p. 78).

A família dos Guise era originária de Lorena, mas ingressou na monarquia francesa quando Claude, conde de Guise, herdou consideráveis posses na França devido aos serviços militares prestados ao rei Francisco I, do qual recebeu também o governo de Champagne e da Borgonha, aproximando-se da linhagem real ao casar-se com Antoinette de Bourbon. Seus filhos ocuparam cargos importantes, com destaque para François de Lorraine, também conhecido como duque de Guise, e Charles, que se tornou cardeal de Lorena (TAVARES, 2011b, p. 79).

Os Guise eram ferrenhos protetores da fé católica e combateram os anabatistas na França, ganhando a atenção dos papas. Seus sucessores viriam a ser a principal liderança do partido católico, fundando posteriormente a Liga Católica, que enfrentaria a autoridade de Henrique III (TAVARES, 2011b, p. 79).

Os Bourbon assumiram uma posição mais neutra, mostrando-se favoráveis ao protestantismo, porém sem assumi-lo oficialmente. Entretanto, Louis Condé destaca-se ao se tornar posteriormente uma das principais lideranças protestantes na França, tendo não pouca influência e prestígio político, militar e fundiário, tanto que mais tarde seu sobrinho Henrique de Navarra tornar-se-ia o rei Henrique IV da França, promovendo grande impacto nos conflitos de religião (TAVARES, 2011b, p. 80).

Tal fato envolve diretamente como personagem atuante nas decisões da corte francesa e na vida política do país a figura de Catarina de Médici, viúva de Henrique II, que, segundo Tavares, participou ativamente da política francesa atuando como rainha-mãe e desenvolvendo influência bem articulada no império (2011b, p. 80).

Após a morte repentina de Henrique II, o trono passa para seu filho mais velho Francisco II, com apenas 15 anos de idade, que tinha como família predileta os Guise, entregando o comando militar a François de Lorraine, duque de Guise, e a seu irmão Charles, cardeal de Lorena, encarregou das finanças do Estado. Os Guise ainda contavam com a vantagem de ter como sobrinha Maria Stuart, da Escócia, que se casaria com o então monarca Francisco II, e os ajudariam nesse jogo de influência e poder, os quais por sua vez eram favoráveis ao partido católico, havendo alcançado o favor do rei (TAVARES, 2011b, p. 81).

Na obra *Da Guanabara ao Sena: relatos e cartas sobre a França Antártica nas guerras de religião*, Tavares reitera: “Ainda mais significativa foi a política religiosa dos



Guise marcada por um enrijecimento na perseguição aos protestantes, através de medidas cada vez mais radicais” (2011b, p. 81).

Após a morte prematura de Francisco II, assume o trono seu irmão Carlos IX, com apenas nove anos de idade. Nesse caso, devido à sua menor idade, a regência coube a sua mãe Catarina de Médici, que pretendia formalizar uma tentativa de conciliação entre católicos e protestantes, recebendo neste período a influência de Theodoro de Beza. Porém, o acordo falhou e as intrigas religiosas continuaram, mas conquistou-se certa tolerância para com o protestantismo nesse período (LAUTORETTE, 2006, p.1038).

A partir de 1562 iniciou-se um período de guerras entre protestantes e católicos que durou até o ano de 1594. Esses conflitos ficaram conhecidos como Guerras Religiosas. Em seguida, os huguenotes encontraram certo alívio e liberdade com a promulgação do Edito de Nantes (1598) pelo rei Henrique IV. Até então, durante esse período de sucessivas batalhas, o protestantismo havia sofrido muitas baixas.

Vale mencionar ainda o Massacre de São Bartolomeu em agosto de 1572, que ceifou a vida de milhares de huguenotes, os quais haviam se reunido em Paris para celebrar o casamento de Henrique de Navarra com Marguerite, filha de Catarina de Médici. Por ordem da própria rainha regente, milhares de vidas foram ceifadas, deixando essa triste página da perseguição aos huguenotes como registro na história da França.

Mais tarde Henrique de Navarra se tornaria Henrique IV e assumiria o trono da França, pois Henrique III irmão e sucessor de Carlos IX, não tinha filhos, sendo o trono por descendência destinado a ele, mas, em 1594, ano de sua coroação, abandonou o protestantismo e declarou-se católico. Por conta disso, foi possível certa liberdade religiosa aos calvinistas franceses durante seu reinado (LAUTORETTE, 2006, p. 1038).

Fazendo aqui o devido corte cronológico, é dentro desse contexto de perseguição religiosa e tantas mudanças sociais e políticas, com suas famílias nobres e influentes na corte, que surgem os personagens conhecidos como huguenotes, os quais, influenciados por Calvino e por um profundo espírito missionário, desejosos de espalhar a fé reformada além-mar, se dirigem ao Brasil, como será comentado adiante.

“Os crentes franceses, em meio a teste tão severo, entenderam que tinham recebido uma missão e uma responsabilidade como evangelistas e testemunhas” (REID, 1990, p. 91).

Ferreira acrescenta:

Para aqueles que não se convencem do caráter missionário da obra de Calvino em Genebra, basta consultar o Registro da Companhia dos Pastores, principalmente o período de 1555 a 1562. Os nomes mencionados chegam a 88, enviados - sob pseudônimo, a maioria - para quase todos os campos da Europa (FERREIRA, 2012, p. 119).

Antes de voltar a atenção aos missionários enviados por Calvino, ver-se-á como se deu a instalação desse empreendimento denominado França Antártica por iniciativa de Nicolas Durand de Villegagnon, e entender seus interesses e intenções.

#### **4. A instalação da França Antártica**

Retomando a questão levantada no início deste artigo: quais seriam as verdadeiras intenções do cavaleiro da Ordem de Malta e vice-almirante da Bretanha com esta empresa? Os fatos desdobram-se em diversas possibilidades, haja vista que Villegagnon, em 1555, mui desgostoso com a França e a Bretanha, propusera em seu coração a intenção de vir ao Brasil e estabelecer aqui um refúgio para os que sofriam perseguição religiosa, isto é, os huguenotes. Tinha também a intenção, além de fixar no Novo Mundo uma colônia francesa com liberdade religiosa para expressão do evangelho reformado, ainda descobrir novas fontes de riquezas para o rei.

Quanto à primeira empreitada dos franceses no Brasil, o padre Thévet afirma:

E assim foi que no sexto dia do mês de maio de 1555, o dito Senhor de Villegagnon havia tomado as devidas providências com respeito à segurança e comodidade dos navios, assim como sobre as munições e demais petrechos de guerra, o que exigiu maiores preparativos do que os necessários para equipar um exército que marcha por terra, em razão da quantidade e da sortida qualidade das pessoas, pois ali se misturavam gentis-homens, soldados e artífices diversos, em suma: a melhor equipagem que foi possível arranjar. Finalmente, chegou o momento do embarque, que se deu na moderna cidade de Havre da Graça (THEVET, 1978, p. 18).

Vale lembrar que em 1555 o Brasil já estava em pleno processo de ocupação, em alguns pontos bem fortificados, o que vinha ocorrendo desde 1530, com Martin Afonso de Sousa, sendo que em 1549 Tomé de Souza estabeleceu Salvador como a sede do governo. Entretanto, essa ocupação foi mais significativa na região nordeste do país, com poucas ocupações lusitanas na capitania de São Vicente.

A exploração se dava através da comercialização de animais exóticos e de produtos naturais e agrícolas, entre eles o pau-brasil e o cultivo da cana de açúcar. A maior parte do território litorâneo era ocupada pelos ameríndios, nativos aqui residentes que às vezes apresentavam-se hostis, outras vezes mostravam-se amigáveis (TAVARES, 2011a, p. 37).

Ressalta-se que não há qualquer tipo de documentação oficial da coroa francesa para a tentativa de ocupação das Américas, e esse acordo com Villegagnon fora feito sob sigilo para evitar o vazamento de informações e o possível embate com a defesa lusa. A única referência oficial desse empreendimento é transcrita na obra *Entre Genebra e a Guanabara: A discussão política huguenote sobre a França Antártica*. O documento, assinado pelo rei Henrique II, mandava “pagar ao vice-almirante da Bretanha a soma de dez mil libras tornesas para certa empresa que não queremos de outro modo aqui especificar nem declarar” (MARIZ; PROVENÇAL; OLIVEIRA, in: TAVARES, 2011a, p. 44).

Na ocasião em que Villegagnon foi apresentar seu projeto ao rei Henrique II, a fim de convencer o monarca a abraçar o projeto, reuniu-se com o mesmo acompanhado de sua principal amante, Diana de Poitiers, e após 4 horas de diálogo conseguiu convencê-los (TAVARES, 2011a, p. 45).

Diante disso, Henrique II cedeu três navios bem supridos de artilharia e capital para as despesas, duas naus e uma naveta de mantimentos, bem como um contingente de cerca de 600 pessoas, boa parte deles criminosos arregimentados das prisões do norte do país. Partiram da França, especificamente de Diéppe, em agosto de 1555, e aportaram no Brasil em novembro desse mesmo ano, sendo a viagem penosa e difícil diante das tormentas enfrentadas no mar (TAVARES, 2011a, p. 45).

Na obra *Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica*, Vasco Mariz e Lucien Provençal ressaltam o importante papel do vice-almirante em relação a sua influência e acesso à corte real, dentre os sucessivos reis contemporâneos, bem como junto aos nobres igualmente influentes. Isso se deu devido ao seu prestígio em campanhas militares exitosas. Entre elas, a de maior destaque foi o sequestro de Maria Stuart, da Escócia, filha de Maria de Guise, duquesa de Lorraine, que mais tarde se casaria com Francisco II, que se tornou rei da França por breve período (2015, p. 76).

O primeiro grupo chegou à baía do Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1555. O local escolhido pelo vice-almirante foi uma das ilhas de Guanabara, como os nativos assim a chamavam, de ótima localização contra possíveis ataques, pois possuía duas colinas nas extremidades. Ali foi iniciada a construção de um forte para defesa contra os inimigos portugueses e os selvagens, como eram chamados os índios nativos do Brasil. Havia uma planície central que dava acesso ao forte, ao qual Villegagnon deu o nome de Coligny, em homenagem ao almirante da França e grande entusiasta desse projeto.

O grande problema dessa ilha é que nela não havia fonte de água potável, o que fazia com que constantes viagens fossem feitas até o continente para abastecerem-se na foz do rio Carioca. Nessas constantes idas e vindas construíram um assentamento no continente que ficou denominado de Henriville, em homenagem ao rei Henrique II. Tal assentamento é alvo de não pouca controvérsia, pois foi retratado na obra do franciscano Thévet em proporções exageradas, o que não corresponde à realidade segundo Tavares. Esse assentamento foi desmentido por Léry, que permaneceu mais tempo do que o frade em terras brasileiras, retratando apenas um pequeno ajuntamento continental denominado *briquiterie*, que significa olaria, de onde provinham tijolos para a construção do forte e das casas que serviriam de moradia e abrigo aos colonos franceses (TAVARES, 2011a, p. 48).

## 5. A rebelião contra Villegagnon

Antes da vinda dos calvinistas franceses ao Brasil, sendo um dos motivos pelos quais Villegagnon requisitou a presença deles, foi o fato de ter enfrentado uma oposição que findou em rebelião, na ilha de Serigipe, daqueles que chegaram com ele na primeira expedição. Para entender esse motim faz-se necessário compreender os problemas que surgiram na origem da colônia. Segundo Mariz e Provençal, Villegagnon não planejou bem a instalação da França Antártica pois

...era péssima a qualidade do elemento humano que pôde arregar na França, [...] eram indisciplinados, indolentes e de mau caráter. Muitos vieram para a Guanabara para livrarem-se das prisões ou das galés, ou até mesmo da pena de morte. Enfim, gente de péssimos antecedentes, com raríssimas exceções (MARIZ; PROVENÇAL, 2015, p. 104).

Ao estabelecerem-se na ilha, eram necessárias obras urgentes para garantir a defesa do empreendimento contra os possíveis ataques portugueses e, para tanto, Villegagnon precisou submeter tais homens a trabalhos forçados, que exigiam muitas horas de esforço intenso. Somado a isso não havia comida suficiente para tamanho contingente, o que fez com que recorressem aos recursos dos índios aliados, os tupinambás, que viviam sob a liderança do cacique Cunhambebe, que além de comida forneceu grande contingente de nativos para ajudar na construção do fortim Coligny.

Mariz e Provençal explicam que devido aos intensos esforços, “o próprio André Thévet adoeceu seriamente e pediu para regressar com apenas três meses de permanência no Brasil” (2015, p. 105).

Outro problema apontado como um dos propulsores do motim era de ordem sexual, pois os homens que aqui se estabeleceram passaram a relacionar-se com as índias, com a complacência de Cunhambebe e de seus maridos e pais, que recebiam objetos como uma espécie de compensação. Isso desagradou terrivelmente Villegagnon, que passou a exigir que aqueles que desejassem ter relações sexuais com as índias deveriam submeter-se ao rito do casamento conforme os costumes cristãos, o que não foi bem aceito pelos homens da colônia. “[...] naquelas condições especialíssimas, não era realista exigir o sacramento do matrimônio àqueles homens rudes e turbulentos com suas amantes índias” (MARIZ, PROVENÇAL, p. 106).

Tal situação causou a evasão de muitos colonos para o continente, onde passaram a habitar com os índios, deixando o empreendimento e diminuindo assim a força de trabalho. Igualmente, os índios se cansaram dos trabalhos forçados e pouco a pouco abandonaram a edificação do forte.

Outro fator levantado por Mariz e Provençal é o fato de que Villegagnon não teve maleabilidade de aculturação para conciliar os ritos de antropofagia dos índios tupinambás, não se conformando com o hábito corriqueiro nos quais eles comiam seus inimigos derrotados ou aprisionados (2015, p. 107).

Tais conflitos culminaram então no motim liderado por um trugimão normando no dia 16 de fevereiro de 1556, dois dias depois da saída de um navio que retornava à França, liderado pelo sobrinho de Villegagnon, Bois-Le-Conte, que levou cartas com o pedido de recursos e mais reforços humanos. Nesse navio também retornou o frade franciscano André Thévet, por motivo de enfermidade desconhecida, a fim de convalescer em sua terra natal.

A conspiração, que tinha como objetivo dar cabo da vida do vice-almirante, envolveu cerca de 30 homens, mas um deles denunciou os planos a Villegagnon e fez com que este se preparasse antecipadamente com ajuda de sua guarda escocesa, dissolvendo o grupo e capturando quatro de seus principais líderes. Um deles, ao ser libertado, fugiu temeroso e se atirou ao mar, morrendo afogado; outro, a título de “exemplo” para o grupo, foi condenado à morte por enforcamento, e os demais foram libertados (TAVARES, 2011a, p. 50).

Assim, consciente da crescente oposição e do risco de insurreição, Villegagnon mandara no navio que regressava à França cartas ao almirante Coligny pedindo que enviasse não apenas ministros, mas também pessoas instruídas na religião cristã com o objetivo de reformar a si mesmo, os que com ele estavam e também os selvagens (LÉRY, 1972, p. 23).

Ferreira acrescenta:

Villegagnon, neste ambiente de desagregação tentou conseguir reforço militar junto ao rei Henrique II, mas o governo francês “não quis entender direito o problema ou então hesitou em arriscar-se abertamente a semelhante aventura”. Neste contexto, o almirante solicitou ajuda de Genebra. Era o único meio de salvar a colônia: usar a necessidade de segurança da igreja reformada francesa. E ele precisava de reforços de qualidade melhor (2012, p. 126).

Ao receber a carta, o almirante Coligny, com grande júbilo pela oportunidade de expandir o Reino de Deus em terras tão distantes, remeteu outra carta a Filipe de Corguilleray, também conhecido como senhor Du Pont, que residia próximo à cidade de Genebra, para que de lá conduzisse quem assim quisesse para a empreitada solicitada por Villegagnon.

O senhor Du Pont, mesmo com idade avançada, empenhou-se totalmente nesse propósito de obter homens dispostos a tamanha façanha, solicitou a ajuda da igreja de Genebra e deixou sua família para dedicar-se totalmente a esse intento, pois, “nem mesmo os seus negócios pessoais e o amor que consagrava aos seus filhos o demoveram de aceitar o encargo que o Senhor lhe impunha” (CRESPIN, 2007, p. 30).

Naquele momento, Calvino se encontrava em Frankfurt, na Alemanha, mas era informado de todos os acontecimentos que ocorriam em Genebra, tomando conhecimento das cartas e dando as devidas instruções. Ferreira menciona que Nicholas des Gallars, homem de confiança de Calvino, que mais tarde tornou-se pastor da congregação reformada da Rua Saint-Jacques, em Paris, escreveu uma carta e a remeteu ao reformador em 16 de setembro de 1556, informando que os homens solicitados por Villegagnon haviam partido de Genebra “cheios de ardor” no dia 8 daquele mesmo mês. Naquela ocasião a igreja de Genebra escolhera dois ministros para esta missão, Pierre Richier e Guillaume Chartier, e mais alguns calvinistas que tinham sido educados em Genebra e exerciam profissões paralelas como as de carpinteiro, alfaiate, curtidor, ferreiro e sapateiro – como foi o caso de Jean de Léry, cujo livro que viria a escrever sobre o Brasil tornou-se alvo de muitas pesquisas e reedições (FERREIRA, 2015, p. 127).

## **6. Os huguenotes no Brasil**

Em 1556, 14 Huguenotes zarparam da França rumo ao Novo Mundo. Havia recebido do almirante Coligny, através do Sr. Dupont, a convocação para rumar à França Antártica, colônia francesa no litoral do que viria a ser o Brasil (TAVARES, 2011a, p. 19).

Ver-se-á agora como ocorreu a presença dos calvinistas no Brasil a partir da obra do huguenote Jean de Léry, não antes de conhecer um pouco da sua história. Jean de Léry nasceu em La Margelle, próximo à abadia de Saint-Seine de Bourgogne, no ano de 1534, e pertencia a uma família de burgueses adeptos do novo movimento que surgira em seu tempo, a Reforma Protestante. Logo foi para a Genebra a fim de dedicar-se aos estudos teológicos, isso com apenas 18 anos, para aprender com o mestre Calvino. Segundo Gaffarel, conforme consta na notícia biográfica da obra *Viagem à Terra do Brasil*, “Calvino deu-lhe, inesperadamente, uma oportunidade para prestar à Reforma um serviço de monta” (LÉRY, 1972, p. XIX-XX).

A obra *Viagem à terra do Brasil* foi selecionada como base para esta pesquisa por algumas razões:

1) Jean de Léry estava entre os quatorze huguenotes selecionados por Calvino para essa missão no Brasil, sendo ele não apenas redator dessa viagem, mas também um dos viajantes.

2) Sua formação calvinista em Genebra o preparou teológica e intelectualmente para escrever essa obra de tamanha magnitude e importância, tanto por ser o registro da primeira presença protestante no Brasil, quanto por apresentar as primeiras descrições etnográficas do Novo Mundo, destituídas de preconceitos e paixões tão presentes nas obras de seu tempo.

3) A importância da obra também reside na forma como os fatos históricos são apresentados, isto é, uma análise objetiva e ao mesmo tempo rica em detalhes das coisas que aqui se deram, quer na longa e difícil viagem, como nas controvérsias religiosas entre católicos e protestantes na França Antártica e, sobretudo, pelo registro da vida e cultura dos povos que aqui habitavam.

A importância da obra de Léry é destacada por Medeiros:

A sua experiência de viagem, a relação com Villegagnon, a perseguição e morte dos mártires, a rápida decadência da França Antártica, além do período em terras brasileiras, resultou em um profícuo relato onde encontramos as primeiras descrições da fauna e flora brasileiras, bem como uma vívida descrição de seus primeiros habitantes. A obra *Viagem à Terra do Brasil se constitui em uma riquíssima contribuição aos estudos acerca de nossos índios, nossa natureza e nossa história, dentre outras possibilidades plausíveis e necessárias* (MEDEIROS, 2016).

Ainda sobre a obra de Léry, escreve Gaffarel: “Léry escreve como outros pintam ou tocam música, sem nunca ter aprendido; com uma naturalidade de causar inveja aos mais sábios autores e aos mais espertos estilistas” (LÉRY, 1972, p. XVII).

Salvador completa:

Quem desejar fazer um juízo aproximado do que foi a tentativa de estabelecimento dos franceses no Rio de Janeiro em meados do século XVI deve conhecer a situação existente na Europa e a mentalidade da época, mas, sobretudo, a literatura relacionada com dito empreendimento (SALVADOR, 2001, p. 157).

Antes de iniciar uma narrativa usando como base a obra supracitada, faz-se necessário uma melhor compreensão do que ela representa no campo da historiografia, segundo o conceito abordado por Michel de Certeau.

Certeau classifica a obra de Léry como uma etnologia. Essa classificação foi primeiramente abordada dentro do campo científico a partir do século XVII, por Ampère, e subdivide-se em quatro áreas: a *oralidade*, que representa uma comunicação própria da sociedade selvagem; a *espacialidade*, que representa um quadro de um sistema sem história; a *alteridade*, que representa a diferença que há entre culturas e que caracteriza a visão sobre o outro, e por último a *inconsciência*, que representa uma série de fenômenos coletivos e que possui uma significação que lhes é estranha de determinado lugar (2011, p. 221).

Esta explicação é necessária para compreender melhor a narrativa de Léry a respeito dos nativos que aqui habitavam, no que tange à construção do seu discurso etnológico (CERTEAU, 2011, p.224).

Isso se dá porque a narrativa de Jean de Léry em *Viagem à terra do Brasil* e seu contato com o “outro”, neste caso com os selvagens, que na verdade eram índios tupinambás aqui outrora residentes, faz com que ele balance como um pêndulo, às vezes referindo-se a questões de seus compatriotas huguenotes que juntamente com ele entraram nessa empreitada de evangelizar tanto franceses quanto indígenas, às vezes apresentando seu vislumbre ante os hábitos e costumes dos índios que aqui habitavam. Certeau classifica esse movimento como circular, que ia de cima (a França) para baixo (os tupis), no qual Léry apresenta sua visão a respeito do outro e depois retorna para si, e assim sucessivamente. Quanto a isso, afirma Certeau: “Os ‘caminhos da escrita’ combinam o plural dos itinerários e o singular de um lugar de produção” (2011, p. 228).

Certeau ainda classifica a obra de Léry na perspectiva de um triângulo, no qual o ponto de partida, e também o ponto final, é representado pela cidade de Genebra. Na segunda



ponta do triângulo tem-se a ideia da *natureza estranha*: a ideia do estranho não recai sobre os índios nativos do Brasil, mas sobre a natureza e os diferentes animais aqui encontrados. Na última ponta do triângulo tem-se a *humanidade* exemplar, classificada na utopia de uma ética, ainda que pecadora, saindo da ponta inicial, passando pelas extremidades e terminando no mesmo ponto de partida.

Por sua vez, o conceito de alteridade é proveniente do modo de ver cristão, o qual Certeau chama de “hermenêutica do outro”, uma vez que esta se relaciona com os demais de modo afável, conforme a tradição bíblica da relação judaica com os povos gentios, gregos e outros estrangeiros (2011, p. 239).

Ainda sobre a obra de Léry, Raimundo Campos afirma:

[...] é uma importante fonte histórica, principalmente para o conhecimento de aspectos da vida dos povos indígenas do Brasil, no período da chegada dos europeus. Ela é uma fonte chamada primária, na medida em que o seu autor viveu os acontecimentos sobre os quais escreveu (CAMPOS, 1998, p. 6).

Retomando o foco para a colônia, conseguiu-se assim a participação de alguns huguenotes que se dedicavam aos estudos teológicos em Genebra, entre eles Pedro Bourdon, Mateus Verneuil, Jean de Bourdel, André Lafon, Nicolau Denis, Jean Gardien, Martin David, Nicolau Raviquet, Nicolau Carneau, Jaques Rousseau, Jean de Léry e também dois ministros, Pedro Richier e Guilherme Chartier, além, é claro, do próprio senhor Du Pont. Ao todo, eram quatorze pessoas que partiram da cidade de Genebra rumo à França, especificamente para Honfleur, porto do mar da Normandia, em 16 de setembro de 1556, de onde aguardaram o tempo da partida rumo ao Brasil (LÉRY, 1972, p. 23).

Eram três navios: Petite Roberge, Grande Roberge – onde estavam os huguenotes – e Rosée. O grupo tinha em torno de 290 pessoas, que embarcaram no dia 19 de novembro de 1556, mas partiram mesmo somente no dia 20 de novembro, devido a algumas dificuldades na âncora de um dos navios.

A viagem não foi sem dificuldades. Léry narra tempestades enfrentadas durante dias, a ponto de quase submergirem, e escassez de água potável, porém havia abundância de peixes, sobre os quais Léry narra detalhes, encantado com animais nunca antes vistos, como o peixe voador.

Quanto às dificuldades de viagem, descreve Léry:

Além disso, as chuvas das vizinhanças do Equador não só são fétidas como molestas [...] Mais ainda: o sol é fortíssimo e além do calor que padecíamos não tínhamos, fora das poucas refeições, água doce nem outra bebida em quantidade suficiente.

Sofríamos assim tão cruelmente a sede que cheguei quase a perder a respiração e a ficar sem fala durante mais de uma hora [...] (1972, p. 39).

Depois das desventuras em alto mar, foi possível avistar a costa, e muito se alegraram com isso, embora ainda estivessem longe do destino final. Os primeiros contatos que tiveram com os selvagens foram com os índios margaiás, que eram aliados dos portugueses e tinham os franceses como inimigos. Ainda assim fizeram permutas adquirindo víveres típicos da região em troca de roupas, pentes e outros artefatos utilizados no comércio com os índios (LÉRY, 1972, p. 45).

Seguiram então viagem rumo ao destino final, passando por várias regiões, com destaque para a presença de tribos imponentes como os uetacás, famosos pela ferocidade e destreza na batalha. Estes são assim descritos por Léry:

Em suma esses diabólicos *Uetacá*, invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia Ocidental (LÉRY, 1972, p.46).

Quando estavam próximos das ilhas de Macaé, tiveram contato também com outras tribos indígenas, como os *caraiá* e os *tupinambá*, até que chegaram a Cabo Frio, onde encontraram muitos selvagens da parte dos tupinambás aliados aos franceses e que deram notícias do *Pai Colas*, como Villegagnon era chamado pelos selvagens (LÉRY, 1972, p. 49).

Por fim, no domingo 7 de março adentraram no braço de mar chamado Guanabara pelos selvagens e Rio de Janeiro pelos portugueses (LÉRY, 1972, p. 50), chegando à ilha de Serigipe e ao forte Coligny apenas no dia 10 de março de 1557, onde foram muito bem recebidos por Villegagnon, o qual foi lembrado por Du Pont, Chartier e Richier sobre o propósito pelo qual os huguenotes enfrentaram tão longa e difícil viagem, a saber, estabelecer no Brasil uma Igreja Reformada em conformidade com a Palavra de Deus (LÉRY, 1972, p. 51).

Jean Crespín confirma a influência de Calvino sobre os ministros enviados ao Brasil: “Os ministros apresentaram as suas credenciais assinadas por J. Calvino e que, outrossim, davam testemunho a respeito dos outros da companhia” (2007, p. 32).

Assim concordou Villegagnon, que declarou também seu objetivo de estabelecer um território francês no Novo Mundo que servisse de refúgio para todos os perseguidos da França e dos demais países da Europa, conforme descreve em sua carta a Calvino agradecendo o envio dos missionários franceses (LÉRY, 1972, p. 52).

Nesse mesmo dia, 10 de março de 1557, celebraram o primeiro culto protestante no Brasil, e renderam graças a Deus pela chegada, conforme descreve o próprio Léry:

Mandou ele então reunir toda a sua gente conosco em uma pequena sala existente no meio da ilha e o ministro Richier invocou a Deus. Cantamos em coro o salmo V e dito ministro, tomando por tema estas palavras do Salmo XXVII - “Pedi ao Senhor uma coisa que ainda reclamarei e que é a de poder habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida” -, fez a primeira prédica no Forte de Coligny, na América (1972, p. 52).

## **7. A disputa religiosa – início dos conflitos entre Villegagnon e os huguenotes**

No dia 21 de março foi celebrada a primeira Santa Ceia. O local escolhido foi o forte Coligny. Os ministros a prepararam e celebraram na presença de Villegagnon e de outros que ali se encontravam, entre eles um certo João Cointa, do qual se exigiu uma pública profissão de fé antes que pudesse se achegar à mesa do Senhor, e assim celebrou-se a primeira ceia protestante em terras brasileiras (LÉRY, 1972, p. 54).

Villegagnon, após oferecer duas preces de acurada profundidade teológica e doutrinária (LÉRY, 1972, p. 55), recebeu de joelhos da mão do ministro os elementos da Ceia. Tão logo os recebera, deu-se início às controvérsias teológicas acerca do sacramento. Embora Villegagnon junto com João Cointa afirmassem ter negado o papismo e não aceitarem a doutrina da transubstanciação nem da consubstanciação, também não aceitavam o conceito de Ceia da parte do ministro huguenote, pois, de modo incorerente, acreditavam comer e beber da carne e do sangue de Cristo nos elementos do pão e do vinho respectivamente (LÉRY, 1972, p. 58).

A fim de solucionar essa controvérsia religiosa, no dia 4 de junho, Villegagnon mandou de volta à França o ministro Chartier, em um navio carregado de pau-brasil e outros produtos nativos do país, com o propósito de buscar opiniões doutrinárias a respeito da Ceia por parte dos especialistas, sobretudo de João Calvino. Ele nutria por Calvino grande admiração, como diz em suas próprias palavras: “O senhor João Calvino é um dos homens mais doutos que surgiram desde os apóstolos e nunca li ninguém que no meu entender melhor e mais puramente tenha exposto e tratado as Santas Escrituras” (LÉRY, 1972, p. 59).

No entanto, as disputas teológicas e doutrinárias em torno da Ceia aumentaram e, no segundo dia de Pentecostes, Villegagnon induziu os ministros a colocarem água no vinho a ser ministrado, bem como óleo e sal na água a ser usada no batismo, além de alegar que o ministro não poderia contrair segundas núpcias, apoiado no dito de Paulo: “Seja o bispo

marido de uma só mulher”, bem como outras interpretações infames distorcendo o ensino da Bíblia. Após a Ceia, declarou abertamente que havia mudado de opinião a respeito de Calvino e, a partir daí, reduziu o tempo de prédica e raramente participava dos cultos (LÉRY, 1972, p. 62).

Um dos possíveis motivos para a mudança no comportamento e atitude de Villegagnon para com os huguenotes seriam algumas cartas do cardeal de Lorena, inquisidor da França e chefe do partido católico. Nessas cartas havia fortes censuras a Villegagnon por ter abandonado o catolicismo, o que poderia tê-lo feito mudar subitamente de opinião (LÉRY, 1972, p. 63).

Alguns autores divergem da posição teológica de Villegagnon, que ora se mostrava fervoroso ativista dos ideais protestantes, tanto pelo tratamento dado aos huguenotes quanto em cartas escritas de modo muito respeitoso a Calvino, ora mostrava-se católico ferrenho e defensor das doutrinas católicas, posição definitivamente assumida depois do fim da colônia quando, de volta à França, teve que defender-se das acusações e da má fama que recebera pelo martírio dos huguenotes – o que lhe rendeu o título de o “Caim das Américas”.

O fato é que “o projeto foi repentinamente interrompido pela rígida oposição do Cavaleiro que se balançava ora para o lado do calvinismo ora para o lado do catolicismo” (MEIRA; FERRETTI JR.; WESTPHAL, 2017, p. 55).

Mariz e Provençal defendem que não havia católico mais fervoroso na região do que Villegagnon (2015, p. 143) e que os protestantes inventaram no Brasil que ele havia se convertido ao calvinismo, para então depois repudiá-lo e persegui-lo com ferocidade (2015, p. 171).

Tavares, porém, segundo a avaliação que faz da posição religiosa de Villegagnon, propõe uma terceira via, a de que ele se enquadrava em uma espécie de *moyenneur*, lembrando que é muito pouco provável que tal conversão ao protestantismo tenha realmente ocorrido, tendo em vista que alguns biógrafos do vice-almirante da Bretanha, como Heulhard e Peillard, afirmaram que ele tenha se voltado contra a religião católica em determinada fase de sua vida. Logo, Tavares pensa que Villegagnon estivesse interessado em estabelecer uma espécie de “terceira via” religiosa, nem calvinista, nem católica romana (2011a, p. 76).

Explica Tavares que os defensores dessa via eram costumeiramente chamados de *moyenneurs* (médios) por apresentarem uma posição intermediária, descontentes com os

desmandos e a conduta dos líderes católicos, mas temerosos em assumir uma posição radical como a dos huguenotes, tendo como objetivo produzir a concórdia entre esses dois grupos extremos, a fim de formar uma única igreja nacional francesa (2011a, p. 76-77).

O que parece ficar evidente é a perspicácia do cavaleiro da Ordem de Malta, que, para garantir a conveniência de seus empreendimentos, aproxima-se mais dos ideais reformistas, o que fez quando procurou angariar o respaldo e os recursos do almirante de França Gaspar de Coligny – já declarado e convertido ao protestantismo, bem como em suas cartas e no primeiro trato com os huguenotes que chegaram na segunda expedição ao Brasil, tratando-os, como afirma em carta posteriormente enviada a Calvino, como “pai” desses, mostrando-se, assim, amigável à fé reformada.

Porém, para conseguir recursos junto à corte real e influenciado pela família dos Guise – do partido católico –, bem como para defender sua honra frente às acusações que seus atos lhe renderam após o incidente da tragédia da Guanabara, portou-se como defensor da fé católica.

Percebendo a astúcia do vice-almirante, Ferreira o descreve quanto aos motivos dessa variação de posição religiosa que vemos em Villegagnon dizendo que:

Sendo cavaleiro de São João, católico romano, ele buscou apoio no almirante Gaspard de Coligny, reformado. Apenas este homem poderia financiar tal viagem. Nisto surge a ideia de fundar nas colônias além-mar um lugar onde os cristãos reformados pudessem servir e cultuar a Deus em liberdade. Isto era elogiável, numa época em que os protestantes franceses estavam sendo trucidados. O mais provável é que Villegagnon, sentindo necessidade absoluta de consentimento e do apoio de Coligny, adotou tática mais segura, conquanto não fosse honrosa: lisonjeou o amor próprio do almirante, fingindo-se inclinado a converter-se ‘e fazendo-lhe entrever a pronta realização de um dos projetos favoritos do chefe dos huguenotes, e acariciando-o com a esperança de criar para o outro lado do Atlântico um asilo para os seus correligionários perseguidos na Europa’ [...] assim ele ganhou o apoio dos mais destacados nobres reformados em França, inclusive do próprio almirante Coligny, que intercedeu por Villegagnon [...] O estado maior de Villegagnon era formado por católicos e reformados - Jean Cointac, que mais tarde desempenhou o papel crucial na controvérsia com os protestantes, senhor de Boulese, Doutor da Sorbonne; La Chapelle, de Boissi, Le Thoret et De Sausacque (que veio a ser comandante do futuro forte Coligny) e Nicolas Barré (navegador da expedição), estes últimos protestantes (FERREIRA, 2015, p. 123-124).

Uma vez comentadas as alternâncias religiosas de Villegagnon, voltamos à narrativa da querela deste com os protestantes franceses que se agravaram até o ponto em que os huguenotes se revoltaram contra o cavaleiro, em virtude de ter ele renunciado ao evangelho. Portanto, declararam não serem mais seus súditos, e que não mais se submeteriam a trabalhos forçados na construção do forte. Em represália, Villegagnon proibiu-lhes a porção diária da parca alimentação que recebiam, o que os fez recorrer aos selvagens, que lhes davam maior

quantidade de víveres do que a quantidade outrora dada por Villegagnon (LÉRY, 1972, p. 64).

No ponto culminante da discórdia entre Villegagnon e os protestantes franceses, fruto do crescente ódio que aquele alimentava, ocorreu a expulsão dos huguenotes de seu fortim para a terra firme (LÉRY, 1972, p. 66).

Quanto ao ímpeto de Villegagnon na perseguição e ódio aos huguenotes franceses, discorre Crespín:

Se as circunstâncias o favorecessem, Villegagnon prosseguiria nas crueldades que desejava executar e a que estas deram início; porquanto a paciência e a modéstia dos pobres fiéis aumentavam de tal maneira sua audácia que não pensava senão em subverter e destruir a ordem eclesiástica e civil que ele próprio estabelecera e confirmara com tamanho interesse (CRESPIN, 2007, p. 40).

Assim, depois de oito meses na ilha de Villegagnon, partiram para o continente e se refugiaram em uma praia onde estava localizado o assentamento denominado, na obra de Léry, “*Briqueterie*”, convivendo ali com os índios, que os trataram com mais humanidade que os seus conterrâneos, trazendo-lhes alimento e tudo mais que necessitavam. Léry termina seu capítulo narrando da seguinte forma o ocorrido:

Tendo sumariamente descrito neste capítulo a inconstância religiosa de Villegagnon, o tratamento que nos infligiu, suas disputas e seu desvio do Evangelho, seus gestos e modo de viver no país, a desumanidade com que tratava sua gente e a maneira de vestir-se, adiarei o relato do nosso regresso, da licença que nos concedeu e da traição que nos fez por ocasião de nossa partida (1972, p. 66).

Léry passa a narrar sobre sua vivência durante os meses que ficara entre os índios tupinambás no continente, sobre religião deles, seus costumes e rituais religiosos, seus hábitos e armas de guerra, sua alimentação e seu modo de criar os filhos, de casar-se e dar-se em casamento, bem como as aventuras deslumbrantes que teve em convívio com os nativos do Brasil.

No capítulo XX de sua obra passa então a descrever a viagem que fez de volta à França a bordo do navio *Jacques*, que retornava carregado de pau-brasil, bugios, papagaios e outros produtos nativos da terra a fim de serem comercializados na Europa (LÉRY, 1972, p. 198).

Neste ínterim, os marinheiros, temendo levarem os huguenotes sem o consentimento de Villegagnon, exigiram cartas com a autorização do mesmo, que o fez, porém, enviando cartas secretamente para serem entregues ao primeiro juiz da França, com acusações contra os huguenotes e ordenando também que fossem mortos como hereges (LÉRY, 1972, p. 198).

Logo ao embarcarem rumo à França, no dia 4 de janeiro de 1558, o navio deu sinais de alerta. Começou a entrar água por diversos lugares, de maneira que o barco afundava vagarosamente. Não fora o esforço dos homens bombeando a água para fora, teriam submergido na partida, e foi nessas circunstâncias que Jean de Léry e mais cinco huguenotes decidem retornar ao continente, por uma barca oferecida pelo comandante (LÉRY, 1972, p. 200).

No entanto, Léry, alertado pelo perigo que possivelmente iriam correr da parte de Villegagnon, desistiu de voltar à terra firme e decidiu seguir viagem rumo à França, ao contrário de Pedro Bourdon, Jean de Bordel, Mateus Verneuil, André Lafon e Jacques Le Balleur, que num bote regressam à terra do Brasil (LÉRY, 1972, p. 200).

A viagem de Léry e dos demais tripulantes rumo à França não foi sem dificuldades. Sofreram tormentas e privações de água e alimento, a ponto de comerem as solas dos sapatos e os ratos que viviam no navio, e não poucos vieram a falecer por desidratação, como relata em sua obra (LÉRY, 1972, p. 209-213).

Entrementes, é necessário voltar aos que aqui ficaram, isto é, no Brasil, e que não tiveram a mesma sorte dos demais que retornaram para a França, frente às investidas e astúcia de Villegagnon.

## 8. Os mártires da Guanabara

Aqueles que, no mar, saíram incólumes de inúmeros perigos; aqueles que os vagalhões raivosos não ousaram sorver e sepultar no abismo; aqueles contra quem nada pôde o furor inexorável de tantas procelas, aqueles que os bárbaros se abstiveram de atacar; aqueles que as próprias feras respeitaram: aparecem-nos como exemplos de mais acrisolada paciência, mostrando-nos, ao vivo, a desumanidade e a crueza inexcedíveis dos falsos crentes e dos apóstatas da verdadeira religião, a selvageria dos quais assombra pelo seu extremo requinte e excede, em muito, à dos malévolos selvagens que têm vivido sobre a face da terra (CRESPIN, 2007, p. 49).

Diante de tamanha crueldade, Léry se viu compelido a registrar a história e o testemunho desses mártires, entregando o documento a Jean Crespín no ano de 1558, que o inseriu na sua obra *História dos Mártires*, dizendo sobre eles: “Assim foi Villegagnon quem primeiro derramou sangue dos filhos de Deus nesse país recém-descoberto e por isso, mui justamente, alguém o apelidou o Caim da América” (LÉRY, 1972, p. 217).

Sobre este ato de crueldade confirma Léry:

Pessoas fidedignas que deixamos nesse país, donde voltaram cerca de quatro meses depois de nós, encontraram o senhor Du Pont em Paris e lhe asseguraram que com

grande pesar haviam sido espectadores do afogamento de três dos nossos companheiros no forte Coligny. Pedro Bourdon, João Bordel e Mateus Verneuil foram essas vítimas condenadas por Villegagnon por causa de sua religião. Essas pessoas fidedignas haviam trazido também não só a confissão mas ainda todo o processo contra eles instaurado por Villegagnon, entregando-o ao senhor Du Pont de quem obtive mais tarde (LÉRY, 1972, p. 217).

A viagem dos que voltaram à terra firme foi dificultosa, pois não conheciam a arte da navegação, e nem era o barco preparado de mastro, velas e leme apropriados para a tal, os quais foram improvisados com peças de suas próprias roupas, além disso, contavam com o mau tempo e o mar bravio que os fez aportar depois de alguns dias na voragem do mar em uma praia desconhecida (CRESPIN, 2007, p. 50).

Foram bem recebidos pelos indígenas e por Villegagnon, não depois de muito clamarem por misericórdia a fim de que os recebesse como seus servos (CRESPIN, 2007, p. 52). Contudo, cerca de doze dias depois, Villegagnon mudou completamente sua atitude para com os calvinistas franceses e, sabendo que não negariam suas crenças, exigiu deles uma declaração de fé em resposta a um questionário por ele formulado (CRESPIN, 2007, p. 12).

Crespin afirma o seguinte sobre a crueldade de Villegagnon: “Acharam, portanto, o meio de eliminá-los, e até com grande honra para ele, segundo pensava; porque sabia que a maioria da corte teria grande prazer no sacrifício dos reformados” (CRESPIN, 2007, p. 53).

Vale ressaltar que o documento foi escrito por homens comuns, que não eram pastores. No entanto, percebe-se que eram muito versados no estudo da Escritura Sagrada e, também, na história da igreja. Vale lembrar ainda que responderam ao questionário tendo em mãos apenas a Bíblia e num curto período de doze horas, sendo seu redator Jean de Bourdel, o mais letrado entre eles. Este documento ficou conhecido como *Confissão da Guanabara* ou *Confissão Fluminense* (CRESPIN, 2007, p. 13).

Em seguida, Villegagnon acusou-os de mentirosos, traidores e espiões, e decidiu exterminá-los por heresia no dia 9 de fevereiro de 1558. O primeiro a ser interrogado foi Jean de Bourdel, o redator do documento, o qual, após ser sufocado, foi levado à rocha escolhida para o massacre e atirado ao mar. Em seus últimos momentos, durante o fatídico caminho, seguiu orando, cantando e entoando salmos (CRESPIN, 2007, p. 13). Jean de Bourdel, segundo nos conta Crespin, ao ver seus colegas tristes e esmorecidos, os fortalecia com palavras de ânimo, renovando-lhes o vigor e a disposição para morrerem por Cristo (CRESPIN, 2007, p. 54):

Meus irmãos, vejo que Satanás se esforça por todos os meios para nos impedir de, resolutamente, defender hoje a causa de Cristo Jesus Senhor nosso, e que alguns de



nós revelam uma timidez fora do razoável, equivalente mesmo a uma dúvida acerca do socorro e favor do nosso bom Deus, em cujas mãos, sabemos, estão nossas vidas, que ninguém nos poderá tirar sem as determinações dos seus sábios conselhos. Ora, eu vos peço que comigo considereis o modo e o motivo por que viemos a este país: Quem nos moveu a travessia do oceano numa extensão de duas mil léguas? Quem nos preservou de tantos perigos? Acaso não foi aquele que tudo governa, que dirige todas as coisas pela sua bondade infinita, que ampara os seus por meios admiráveis? É certo que contra nós militam três inimigos poderosos: O mundo, o diabo e a carne, e que por nós mesmos não podemos lhe resistir. Mas, se acorrermos ao Senhor Jesus, que os venceu por nós, ele nos assistirá consoante a sua promessa, que sempre cumpre, por isso que é fiel e Todo-Poderoso. Apeguemo-nos a ele, e nele inteiramente repousemos. Coragem, pois, meus irmãos! Que os enganos, que as crueldades, que as riquezas deste mundo não nos embarquem de irmos a Cristo! (CRESPIN, 2007, p. 61).

Foi-lhe permitido, antes de ser lançado ao mar, orar a Deus confessando seus pecados e encaminhando sua alma ao Senhor, e assim depois de atado em camisa foi lançado às ondas, sendo entregue à morte por asfixia (CRESPIN, 2007, p. 64).

O segundo foi Mateus Verneuil que, após orar, suplicou clemência para ser tratado como um dos escravos de Villegagnon. Este consentiu se o mesmo estivesse disposto a se retratar. Recusando-se, foi também lançado ao mar (CRESPIN, 2007, p. 13), pois lhe era melhor perder a vida e estar eternamente com o Senhor, do que conservá-la por mais algum tempo e morrer espiritualmente para sempre com Satanás. Gritando, clamou: “Senhor Jesus, tem piedade de mim”, rendendo-se ao carrasco e rendendo o espírito a Deus (CRESPIN, 2007, p. 65).

Por último, executou-se Pierre Bourdon, que estava gravemente enfermo e foi conduzido pessoalmente por Villegagnon do continente à ilha. Este lhe disse que receberia tratamento, mas ele acabou tendo a mesma sorte dos outros supracitados (CRESPIN, 2007, p. 13). Ao chegar à ilha, tão logo o carrasco o algemou e lhe rogou que pensasse na sua alma, levando-o ao mesmo local em que executara seus irmãos na fé, Bourdon, sentindo a morte iminente, entregou sua alma ao Criador com as seguintes palavras:

Senhor Deus, sou também como aqueles meus companheiros que com honra e glória pelejaram o bom combate pelo teu Santo Nome, e, por isso, peço-te me concedas a graça de não sucumbir aos assaltos de Satanás, do mundo e da carne. E perdoa, Senhor, todos os pecados por mim cometidos contra a tua majestade, e isto eu te rogo em nome do teu filho muito amado Jesus Cristo (CRESPIN, 2007, p. 67).

Depois de questionar o motivo de sua acusação, fazendo-o saber que a causa era a Confissão que assinara, e uma vez destituído da esperança de salvar-se por quaisquer meios, submeteu-se ao carrasco, que o sufocou e estrangulou. Em seguida foi lançado ao mar e assim expirou o último dos primeiros mártires protestante no Brasil (CRESPIN, 2007, p. 67).

Sobre o martírio dos huguenotes, afirma Erasmo Braga: “E foi assim naqueles tempos que os nossos irmãos pagaram com a vida a audácia de confessar a sua fé; e, hoje, muita gente balbucia, hesita, ante o sorriso mofador, de qualquer insolente”.<sup>2</sup>

Quanto a André Lafon, este titubeou em suas convicções calvinistas e foi poupado por Villegagnon, uma vez que sua função de alfaiate lhes era útil na França Antártica.

Jacques Le Balleur, por sua vez, conseguiu escapar. Era um eloquente teólogo, versado em espanhol, latim, grego e hebraico, e começou a desenvolver um importante papel missionário em 1559, na Capitania de São Vicente, até que um jesuíta, Luiz de Grã, mandou prendê-lo e o enviou à Bahia, onde ficou preso por oito anos. Depois foi encaminhado de volta ao Rio de Janeiro, onde foi morto com a ajuda do padre José de Anchieta (CRESPIN, 2007, p. 14).

Quanto a isso, Frei Vicente de Salvador, autor de *História do Brasil*, narra:

Entre os primeiros franceses, que vieram ao Rio de Janeiro em companhia de Nicolau Villegaignon, de que tratamos no capítulo oitavo deste livro, vinha um herege calvinista chamado João Bouller, o qual fugiu para a capitania de S. Vicente, onde os portugueses o receberam cuidando ser católico, e como tal o admitiam em suas conversações, por ele ser também na sua eloquente e universal na língua espanhola, latina, grega, e saber alguns princípios da hebréia, e versado em alguns lugares da Sagrada Escritura, com os quais, entendidos a seu modo, dourava as pílulas, e encobria o veneno aos que o ouviam e viam morder algumas vezes na autoridade do sumo Pontífice, no uso dos sacramentos, no valor das indulgências, e em a veneração das imagens. Contudo não faltou quem o conhecesse (que ao lume da fé nada se esconde), e o foram denunciar ao bispo, o qual o condenou como seus erros mereciam, e sua obstinação, que nunca quis retratasse; pelo que o remeteu ao governador, o qual o mandou que à vista dos outros, que tinham cativos na última vitória, morresse a mãos de um algoz. Achou-se ali para o ajudar a bem morrer o padre José de Anchieta, que já então era sacerdote, e o tinha ordenado o mesmo bispo D. Pedro Leitão, e posto que no princípio o achou rebelde não permitiu a Divina Providência que se perdesse aquela ovelha fora do rebanho da igreja, senão que o padre com suas eficazes razões, e principalmente com a eficácia da graça, o reduziu a ela. Ficou o padre tão contente deste ganho, e por conseguinte tão receoso de o tornar a perder, que vendo ser o algoz pouco destro em seu ofício, e que se detinha em dar a morte ao réu, e com isso o angustiava, e o punha em perigo de renegar a verdade, que já tinha confessada, repreendeu o algoz, e o industriou para que fizesse com presteza seu ofício, escolhendo antes pôr-se a si mesmo em perigo de incorrer nas penas eclesiásticas, de que logo se absolveria, que arriscar-se aquela alma às penas eternas (SALVADOR, 1975, p. 167).

Dessa forma termina a trágica história da presença huguenote no Brasil, não antes de deixar como registro uma das mais antigas declarações de fé reformadas (CRESPIN, 2007, p.15).

---

2 Palavras do Rev. Erasmo Braga membro da academia de Letras de São Paulo e deão do Seminário Teológico Presbiteriano em Campinas, no início do século XX, no prefácio da edição brasileira publicada por Domingos Ribeiro, em 1917, e reeditada pela Editora Cultura Cristã em 2007.

## 9. O fim da colônia francesa no Brasil

As consequências desse ocorrido foram trágicas, não apenas para o empreendimento da tentativa de formar uma colônia no Brasil, mas para a própria reputação de Villegagnon na França. Desde então, final da década de 50 do século XVI, correu célere a sua fama como assassino, transformando-o em uma das figuras mais odiadas por boa parte dos calvinistas (TAVARES, 2011a, p. 58).

Tal feito levou o vice-almirante da Bretanha e cavaleiro da Ordem de Malta a retornar à França para defender sua reputação contra os panfletos calvinistas divulgados e propagados por toda a Europa, o que fez em maio de 1559, deixando seu sobrinho Bois-Le-Comte na direção da colônia, ocorrendo a partir daí em uma série de eventos que levariam ao fim da mesma (TAVARES, 2011a, p. 59).

Ferreira confirma que Villegagnon “estava debaixo de suspeitas tanto dos huguenotes, que começaram a chamar-lhe de ‘Caim das Américas’, ‘apóstata’ e ‘assassino’, quanto por parte dos católicos, que suspeitavam de suas inclinações reformadas” (FERREIRA, 2012, p. 133).

Antes de entender como se deu a resposta lusa ao empreendimento francês, cabe uma nota rápida sobre o Brasil colonial por parte da coroa portuguesa.

Em novembro de 1559, chegou a Salvador uma frota sob o comando de Bartolomeu Vasconcelos Cunha, com a missão de dar fim ao dito empreendimento denominado França Antártica, mas foi somente em janeiro do ano seguinte que seria enviada por Mem de Sá uma expedição à Guanabara, chegando em 21 de fevereiro de 1560. Esperando reforços de Santos e São Vicente, ele inicia o ataque apenas no dia 15 de março, com bombardeio às fortificações na ilha de Serigipe. No dia seguinte, liderados por Manoel Coutinho e por Afonso Martins – chamado também de “o Diabo” –, adentraram a fortaleza, sendo conduzidos pelo traidor do empreendimento, o mesmo envolvido na disputa teológica em torno da ceia, Jean Cointa, que mostrou como o forte Coligny poderia ser invadido e destruído.

O contingente de combate, segundo Ferreira, era de cerca de 2000 soldados, que receberiam ainda mais reforços de São Vicente, contra inexpressivos 114 franceses e cerca de 800 tupinambás como apoio, que, contudo, resistiram bravamente (FERREIRA, 2012, p. 133).

Os portugueses então escalaram o castelo e apoderaram-se do paiol, privando os inimigos franceses de munição, os quais, sem recursos bélicos, abandonaram a ilha e fugiram rumo ao continente juntando-se aos índios em terra firme. Uma vez posto fim ao assentamento da colônia na ilha de Serigipe, os portugueses trataram de colocar tudo abaixo e garantir que nenhum esforço pudesse facilitar a retomada de uma nova tentativa de colonização (TAVARES, 2011a, p. 59).

Mas este ainda não era o fim da presença francesa no Brasil. Dispersos em terra firme, juntam-se novamente e constroem novas fortificações, em Uruçumirim (atual Morro da Glória) e outra na ilha de Paranapuã (atual Ilha do Governador). Tal resistência perduraria ainda por seis vigorosos anos. A partir da nova instalação, passam a organizar uma nova ofensiva liderada por Bois-Le-Conte, lançando um ataque contra os portugueses no ano de 1562, na região do Planalto de Piratininga.

A resposta lusitana veio no ano seguinte a partir de Salvador, com uma expedição para fazer frente aos franceses comandada por Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá. Essa expedição conseguiu penetrar na Guanabara em 6 de fevereiro de 1564, fazendo uma visita de reconhecimento. Analisando o poderio bélico de seus inimigos, que contavam com os aliados indígenas, buscou reforços em São Vicente, retornando apenas em 22 de janeiro de 1565. A esquadra agora reforçada penetra na baía no último dia do mês de fevereiro de 1565, e já em março inicia-se a edificação de um forte, sofrendo ali alguns ataques tanto da parte dos índios quanto dos franceses, que até tentaram resistir aos lusos numa ofensiva articulada com 130 canoas provindas do forte, mas sem obter êxito, sendo esta a última tentativa de ataque aos portugueses, que ali permaneceram (TAVARES, 2011a, p. 61).

A derrota definitiva aconteceu apenas em 18 de janeiro de 1567, com reforços advindos de Pernambuco, Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, somados a um grupo de índios sob o comando de Arariboia, que uniram forças com os portugueses vindos de São Vicente, Bertioga e Itanhaém. Essa coligação de forças mostra a preocupação lusitana em retomar sua posse, mas também o grande poder de resistência e as técnicas de combate desenvolvidas pelos franceses na defesa dessa empreitada (TAVARES, 2011a, p. 62).

O resultado dessa grande confrontação bélica não poderia ser outro senão a destruição definitiva da resistência francesa, que teve seu forte em Uruçumirim tomado. Alguns tentaram fugir para a instalação em Paranapuã. Nesse combate Estácio de Sá foi ferido por uma flecha indígena, morrendo cerca de um mês depois desse incidente.

Alguns franceses conseguiram escapar em suas embarcações e em agosto de 1567 funda-se definitivamente a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no Morro do Castelo. Assim chega ao fim a tentativa de implantar uma colônia francesa no Brasil, que surpreendentemente perdurou por cerca de doze anos (TAVARES, 2011a, p. 63).

Mariz e Provençal, fazendo um ensaio avaliativo do que foi o empreendimento da França Antártica e a atuação do cavaleiro da Ordem de Malta, enaltecem a organização militar do vice-almirante, assinalando que era habilíssimo no trato com os índios, pecando por excesso de disciplina e intransigência religiosa, e, citando o historiador Robert Southey, afirmam: “Se Villegagnon não tivesse brigado com seus compatriotas – um pouco por sua culpa e muito mais por culpa deles – o Rio de Janeiro seria provavelmente a capital de uma grande colônia francesa no Brasil” (SOUTHEY, apud MARIZ, PROVENÇAL, 2015, p. 144).

Mariz e Provençal concluem que possivelmente, se Villegagnon não tivesse voltado à França para defender-se das acusações calvinistas difamatórias que se espalharam a respeito dele por todo território francês, talvez a história da colônia teria sido outra, atribuindo maior culpabilidade pelo fim do empreendimento aos protestantes que, segundo eles, causaram tal infortúnio (MARIZ, PROVENÇAL, 2015, p. 147).

À guisa de conclusão, Tavares faz uma breve análise das condições que podem ter levado ao insucesso da manutenção da colônia francesa no Brasil. Dentre os fatos, destaca a grande imprevidência de Villegagnon quanto à falta de mulheres na colônia para perpetuar o empreendimento com os filhos dos colonos que poderiam ser ali gerados. Em segundo lugar, menciona a intolerância do vice-almirante da Bretanha em relação às atividades sexuais dos colonos com às índias, causando revolta e evasão da parte de muitos deles. Além disso, pontua ainda a falta de experiência francesa no que diz respeito aos projetos de colonização, quanto aos processos de adaptação, governo e ajustes que um empreendimento desse exige, especialmente em um contexto cultural totalmente diferente. Por último, atribui o fim do empreendimento colonial francês no Brasil à falta de fervor estatal por parte da coroa francesa, que neste momento estava mais focada nas grandes mudanças e nas querelas religiosas que ocupavam todos os seus interesses (TAVARES, 2011a, p. 66-77).

A conclusão de Mariz e Provençal é mais apaixonada, uma vez que o propósito da obra é resgatar a figura histórica e heroica de Villegagnon, desconstruindo a imagem ruim que obtivera a partir da execução dos calvinistas no Brasil e que rapidamente tornou-se popular por toda a França, acompanhando assim a tendência de atribuir maior culpa ao fim da colônia aos protestantes. Tavares, por outro lado, propõe-se a analisar os fatos de maneira mais

racional, apresentando vislumbres e análises precisas que esclarecem os motivos do fracasso da França Antártica, que, em suma, se deu por falta de visão, organização e excesso de autoridade por parte do cavaleiro da Ordem de Malta Nicolas Durand de Villegagnon.

### **Considerações Finais**

Ao olhar para esse pequeno empreendimento na história do Brasil e da França, vale reviver as palavras do francês Émile Leonard, que nos lembra que a primeira confissão de fé brasileira – a Confissão de Fé da Guanabara – foi produzida por leigos instruídos e piedosos, mas não teólogos (LÉONARD, apud CARVALHO, 2013, p. 219). Ademais, a despeito da exiguidade de tempo exigido para a escrita desse material, eles demonstraram profundo conhecimento, tanto bíblico quanto dos pais da igreja.

“Em uma Europa de hostilidades religiosas, a Igreja de Genebra encontrou no empreendimento de Villegagnon uma oportunidade de se propagar” (MEIRA; FERRETTI JR.; WESTPHAL, 2017, p. 54).

Meira, Ferretti Júnior e Westphal lembram que a Guanabara foi palco de inúmeros pioneirismos, citando o primeiro culto protestante, a primeira celebração da Santa Ceia, lamentavelmente o primeiro martírio e, marcadamente, a primeira Confissão de Fé reformada das Américas (2018, p. 54).

Contra os acusadores de Calvino como aquele que não se preocupava com a obra missionária para expansão do evangelho e do reino de Deus, pode-se provar o contrário nesse breve relato histórico, pois embora a tentativa de missões no Brasil tenha falhado neste período, ainda assim é possível verificar os esforços de João Calvino a fim de que o Reino de Deus fosse proclamado em terras além-mar, deixando clara a visão missionária desse servo de Deus, bem como sua influência e contribuição para a obra missionária tanto nos países da Europa quanto no Brasil.

Segundo Meira, Ferretti Júnior e Westphal: “Embora de maneira trágica, a experiência calvinista na França Antártica inaugurou o processo de expansão religiosa protestante no Novo Mundo” (2018, p. 55).

Vale destacar as observações feitas por Ferreira quanto ao trabalho realizado pelos calvinistas franceses no curto, porém, profícuo tempo que passaram em terras brasileiras. A principal delas diz respeito à pregação da Palavra de Deus. Após a primeira prédica no dia 10 de março de 1557, todas as noites reuniam-se homens e mulheres para ouvir a exposição da

Palavra depois do trabalho, e os ministros eram responsáveis por pregar duas vezes no domingo e nos demais dias da semana no decurso de uma hora, ordenando que os sacramentos também fossem ministrados. Outro benefício foi a disciplina aplicada aos pecadores, proibindo o casamento entre franceses e as índias, exceto se elas fossem instruídas na religião reformada e batizadas (FERREIRA, 2012, p. 135).

Além disso, Ferreira, citando Andrada, afirma que a partir dessas pregações houve inúmeras conversões e muitos dos calcetas de Rouen e de presidiários de Paris, despertados pela austera doutrina e pelas virtudes dos ministros protestantes, aceitaram o cristianismo (ANDRADA, apud FERREIRA, 2015, p. 135).

Quanto ao método de evangelização, chama a atenção o fato de Léry não ter recriminado os costumes dos indígenas, antes os tratou com humanidade e aplicou-lhes as verdades do evangelho à medida que tinha oportunidade, mediante a curiosidade. Ele não os condenou por suas práticas, como costumeiramente faziam os europeus, antes exaltou sua hospitalidade e boa vontade em ajudar e servir, afirmando ser da opinião de que, se Villegagnon não houvesse abjurado a religião reformada e eles tivessem podido permanecer por mais tempo no país, teriam chamado alguns deles a Jesus (LÉRY, apud FERREIRA, 2012, p. 136).

Que tal revisão histórica sirva de exemplo e estímulo à igreja atual, de homens que impulsionados por um ideal maior do que eles mesmos, e colocando em risco sua própria integridade física, submeteram-se a um empreendimento onde sofreram com viagens perigosas, alimentação escassa, trabalhos forçados e, no caso de alguns, o próprio martírio, a fim de proclamar o evangelho de Cristo e testemunhar sua fé em terras distantes de sua pátria, para que então diante desse legado continuemos a espalhar o bom perfume de Cristo.

## Referências

- CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. *O Brasil quinhentista de Jean de Léry*. São Paulo: Atual, 1998.
- CARVALHO, Marcone Bezerra (Org.). *Protestantismo e história. Brasil e França na visão de Émile Léonard*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CLOUSE, Robert G; PIERRARD, Richard V.; YAMAUCHI, Edwin M. *Dois reinos: a igreja e a cultura interagindo ao longo dos séculos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- CRESPIN, Jean. *A tragédia da Guanabara*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- FERREIRA, Franklin. In: *A glória da graça de Deus: ensaios em honra a J. Richard Denham Jr. sobre história, teologia, igreja e sociedade*. Cap. 3: “A presença dos reformadores franceses no Brasil Colonial”. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.
- GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: da Reforma Protestante ao século 20*. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Uma história do pensamento cristão: de Agostinho às vésperas da Reforma*. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- \_\_\_\_\_. *E até aos confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo*. Vol. 6: *A Era dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- LAUTORETTE, Kenneth Scott. *Uma história do cristianismo*. Vol. II: 1500 a.D. a 1975 a.D. Trad. Heber Campos. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Martins, Ed. Universidade de São Paulo, 1972.
- MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. *Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MEIRA, R. B.; FERRETTI JÚNIOR, A.; WESTPHAL, E. R. (2018). “A Reforma chega à América: o pioneirismo da França Antártica”. *Revista Ciências Da Religião - História e Sociedade*, 15(1). Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/10169>.
- MEDEIROS, Christian Brially de. “Jean de Léry e a escrita da história – uma heterologia calvinista”. São Bernardo do Campo, 2012. Tese (Doutorado). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2012.



\_\_\_\_\_. *A importância de Jean de Léry para a historiografia do Brasil Colônia*. São Paulo. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT3/Christian\\_Brially\\_Tavares\\_de\\_Medeiros.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT3/Christian_Brially_Tavares_de_Medeiros.pdf). Acesso em: 28 jul. 2016.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da igreja cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

REID, W. Stanford (Org.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. A propagação do Calvinismo no Século XVI. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

SILVA, Wilson Santana. “Protestantismo e cultura brasileira”. Curso ministrado na Igreja Presbiteriana do Jardim Marilene em semana bíblica de inverno, julho de 2011.

TAVARES, Luiz Fabiano de Freitas. *Entre Genebra e a Guanabara: a discussão política huguenote sobre a França Antártica*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Da Guanabara ao Sena: relatos e cartas sobre a França Antártica nas guerras de religião*. Niterói: Editora da UFF, 2011b.

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.